

AUGUSTO DE CAMPOS LEITOR DE GREGÓRIO DE MATOS: A RECEPÇÃO DO BARROCO EM ANTOLOGIAS

Ciro Soares dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Resumo O objetivo do artigo é debater dados pertinentes à tese de haver Augusto de Campos interferido decisivamente na canonização do poeta brasileiro Gregório de Matos. O percurso trilhado para atingi-lo é a demonstração da crítica de Campos à recepção editorial gregoriana. A orientação teórica principal para subsidiar a reflexão é a de horizonte de expectativa, tomada de Jauss (2001). A fortuna crítica de Jackson (1986, 1987, 2015, 2019) ao Modernismo brasileiro também é abraçada para orientação crítica basilar. Conclui-se que a crítica de Augusto de Campos é vanguardista em relação ao processo de estabelecimento de Gregório de Matos como poeta a integrar o cânone barroco.

Palavras-chave Augusto de Campos, Kenneth David Jackson, Gregório de Matos, antologias.

Abstract This paper aims to debate data related to the argument of the decisive interference of Augusto de Campos in the literary canonization of Brazilian poet Gregório de Matos. It demonstrates Campos criticism to the editorial reception of de Matos poetry. The main theoretical orientation to build on the reflection is the one of horizon of expectation based on Jaus (2001). Jackson's criticism to the Brazilian Modernism is also embraced. The main conclusion is that Augusto de Campos criticism is *avant-garde* in relation to the process of establishing Gregório de Matos as a poet worth of the Baroque canon.

Keywords Augusto de Campos, Kenneth David Jackson, Gregório de Matos, anthologies

“não nos venham opor embargos e prolegômenos à apreciação da ‘poesia da época chamada Gregório’” (Campos, 1978, p. 91).

O debate público de Augusto de Campos em revisões das vidas- obras de poetas excluídos do cânone pelo historicismo e pela censura é um aspecto de sua trajetória intelectual. Com atenção a Gregório de Matos, o Barroco é tema fundamental para a intelectualidade brasileira com a participação vanguardista de Augusto de Campos na polêmica recepção da poesia dos seiscentos. O objetivo de debater dados pertinentes à tese de haver o poeta concretista interferido decisivamente na canonização do escritor satírico é atingido pela demonstração de sua crítica à

recepção editorial gregoriana. Uma parte da manifestação de Augusto de Campos, precursora da edição de James Amado (1969), quanto à poesia de Gregório de Matos, é associada às editorações de Varnhagen (1850) e de Spina (1946). A noção de horizonte de expectativa é tomada de Jauss (2001) para a recepção poética como orientação teórica principal. A fortuna crítica de Jackson (1986, 1987, 2015, 2019) ao Modernismo brasileiro é abraçada para orientação crítica basilar. A epígrafe de haver uma “época chamada Gregório” é fórmula salutar a ser ouvida pelos críticos antologistas a se mobilizarem a fazer conhecer a poesia seiscentista sem restrições.

A vertigem das antologias: Gregório de Matos (Santos, 2017) demonstra a tese de que a autoria gregoriana tem gênese, difusão e canonização antológicas em ciclos integrados por livros com origens em comum. O primeiro ciclo é o de origem de um poeta de versos incomensuráveis orais copiados em folhas manuscritas com posterior reunião como bibliotecas pessoais, das quais são recopiados em códices a funcionarem como antologias para quem os encomendava a escribas. O segundo é o de divulgação de um artista de textos difundidos amostralmente em seletas impressas junto com variados autores, a exemplo do *Florilégio* de Varnhagen em 1850. O terceiro é o de canonização de um escritor em seletas advindas da edição de Afrânio Peixoto, fonte sabidamente incompleta por haverem sido subtraídos os textos censurados, publicada entre 1923 e 1933, a exemplo da antologia de Spina em 1946. O quarto ciclo antológico é o de consolidação canônica com a difusão antológica a partir da edição de James Amado (1969), fonte sem corte censurador do Barroco. Augusto de Campos debate os procedimentos editoriais nacionais dedicados à poesia de Gregório de Matos enquanto divulga poetas internacionais similares ao brasileiro.

Um exemplo do que é criticado por Augusto de Campos, ao tratar de outros editores, é o que faz Varnhagen em 1850 para adequar-se à sensibilidade romântica, com recorrente censura por meio de pontos e traços como método sistematizado para apresentar aos leitores os cortes de fragmentos supostamente indecorosos nos textos advindos de manuscrito gregoriano (Varnhagen, 1850, p. 13). A amputação guarda coerência com o tom religioso católico do *Prólogo*, da *Introdução* e da nota biográfica em *Florilégio*. A intervenção editorial pode não revelar explicitamente ao público faceta da poesia predicada como satírica, mas a edição de poemas como os impressos em época de elogio da visão romântica avessa à obscenidade satírica ao menos faz circular poemas cuja verve fica perceptível. O subterfúgio do historiador do Brasil Império católico parece mais ser para libertar versos do que para aprisioná-los.

O contexto literário de 1946 é de superação do romantismo pelos modernistas, mas nem a edição polarizadora do terceiro ciclo antológico gregoriano, nem o mais importante

antologista, usufruem da liberdade garantida pelos modernistas. Spina (1946), em referência à edição de Afrânio Peixoto, indica que “a Academia Brasileira recenseou os apógrafos ou cópias das poesias do poeta que estão na Biblioteca Nacional e na Coleção Varnhagen, e publicou-as em cinco volumes”; além de esclarecer que, “tendo excetuado, na compilação, os versos escandalosos, poemas de extrema liberdade”, assim como assumir “que ficaram nos arquivos à disposição dos curiosos” (Spina, 1946, p. 46). Manteve-se o apagamento moralizante contra o qual se manifesta Augusto de Campos. O critério, então, de recolha poética é pressuposto negativo: escolhe-se texto considerado não escandaloso.

Augusto de Campos afronta o “expurgamento” de esquecer obras e a modificação decepadora de omitir versos ao descrever o estado de coisas da recepção gregoriana com posicionamento provocador para antologistas e historiadores. Ao tratar de *Poetas malditos do mal dizer*, o anticrítico dispara contra crítico e contra antologista em 1966 em seu *Verso, reverso, controverso*:

Entre nós, a grande vítima parece ser Gregório de Matos, cujos “versos licenciosos”, excluídos das edições de suas obras, ficaram nos “arquivos da Academia para satisfação de alguma indiscreta curiosidade”, como consta na nota preliminar à edição da Academia Brasileira de Letras (1923-1933), e lá permaneceram, pelo visto, até hoje, imortalmente amortalhadas (Campos, 1988, p. 109).

A manifestação é contra João Ribeiro validar a decisão de “Vale Cabral, quando pela primeira vez editou a pequena parte da obra de Gregório de Matos” de substituir “por pontinhos ou reticências as palavras torpes ou indecorosas” (Campos, 1988, p. 109), procedimento similar ao de Varnhagen em 1850. O tradutor-antologista é controverso em relação ao segundo e ao terceiro ciclos antológicos frente aos cortes e aos apagamentos realizados.

Diferente de Varnhagen (1850), historiador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) a serviço do império católico, Spina (1946) está na Universidade de São Paulo, mas sua visada extraliterária cai no biografismo do historiador do século XIX. O acadêmico do século XX revela tom religioso-moralista ao anotar “licenciosidade da forma” em poesia chamada “agressiva”, descrita com a imagem de “água turva” para referência a chamados “conceitos” e “formas inferiores”, frente ao que forma o juízo crítico com o veredito: “a pornografia, pode dizer-se sem temor algum, constitui o último estágio da malignidade do sátiro; Gregório desceu pelo caminho escabroso da obscenidade” (Spina, 1946, p. 46). Augusto de Campos é o apologeta da fruição poética na experiência da liberdade a ser dada ao leitor de conhecer ao seu sabor a poesia de uma época, Gregório de Matos.

Os anos novecentos, com o fazer modernista, já têm o horizonte de expectativa para acolher poesia gregoriana a dispensar o pontilhismo e o apagamento censuradores. Por isso, já era desnecessário fazer a reunião poética da era colonial pela temática lírica afeita ao romantismo, como

fez Varnhagen nos anos oitocentos, com o subterfúgio de fazer ver a sátira imune como é ao apagamento pudico por pontos e traços. Responsável pela coleção integrada pela antologia de Spina (1946), Soares Amora testemunha a permanência da sátira presa à manuscrita, enquanto o volume poético de 1946 faz circular textos mais dóceis do que os de Varnhagen (1850). Augusto de Campos não somente se posiciona contrário a essa postura, como também percebe o nexo Modernismo-Barroco na recepção literária a João Ribeiro:

Tenho por inadmissíveis e mesmo condenáveis tanto o arquivamento como os cortes e as alterações de textos aceitos ou sugeridos por João Ribeiro, talvez até com um secreto humor – o humor de quem soube deplorar, em outra ocasião, o sucedido com D. Lalá numa das mais ousadas páginas do Serafim Ponte Grande de Oswald de Andrade – mas com as reservas de pudicícia que se denunciam nos adjetivos “torpe” e “indecoroso” que atrela às palavras-tabu de Gregório de Matos (Campos, 1988, p. 109).

A sátira gregoriana, como autêntica poesia popular, até de anônima autoria, é incorrigível. Mesmo tendo circulado com mutilação repetidamente praticada, faz ver seus efeitos, seja em poemas editados com cortes, seja pela notícia da existência de textos excluídos. O posicionamento de Augusto de Campos sobre o valor de fazer conhecer a todos quanto queiram a poesia da era barroca brasileira mantém-se atual até James Amado (1969) fazer ver massivamente a sátira.

Uma descrição do legado dos modernistas brasileiros explica a pertinência de Augusto de Campos associar o abafamento da poesia gregoriana com a desaprovação da construção da personagem Lalá da sátira oswaldiana. O Modernismo elabora sátira que permitiria aos antologistas fazer fruir a paródia barroca, como se descobre com a leitura das obras sob o auxílio da crítica praticada por Kenneth David Jackson em *50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance* (1986), em *A prosa vanguardista na literatura brasileira: Oswald de Andrade* (1978), em *Novas receitas da cozinha canibal. O manifesto antropófago hoje* (2011a) a pensar a antropofagia com Oswald de Andrade em cena ou em *Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 30* (1987), cujo interesse crítico ampliou-se para ação tradutória em *Industrial Park* (1993) [edição conjunta com Elizabeth Jackson], assim como em *Bibliografia e antologia crítica das vanguardas literárias: Brasil* (1998) e em *Parque industrial, romance da Pauliceia desvairada* (2015). As obras iluminadas com esses estudos permitem o entendimento da cena literária de estabelecimento do horizonte de expectativa da época posterior aos anos 1920 para a recepção da poesia gregoriana. Augusto de Campos antecipa-se aos efeitos do fazer crítico de liberar a sátira do apagamento por critérios extra poéticos. A crítica de Augusto de Campos à mesma deploração dada por João Ribeiro à sátira gregoriana e à sátira oswaldiana inspira uma futura antologia para justapor textos a fim de materializar as seguintes relações, cujo entendimento poderá

ser melhor sistematizado em uma tal futura edição anotada com o legado crítico, por exemplo, de Kenneth David Jackson.

Paulo Prado, mecenas da Semana de Arte Moderna de 1922, apoiador das ideias dos jovens modernistas nos anos 1920, influenciou os escritores cujas obras legitimariam, em sincronia literária, o reaparecimento da sátira gregoriana. O rico negociante do café financiou a publicação de *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: confissões da Bahia 1591-92*, com prefácio de Capistrano de Abreu; assim como escreveu *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira* em 1928, com epígrafe também de Capistrano. Prado pratica com Oswald e com Mário de Andrade a orientação de leituras recebidas desse que é seu mentor intelectual. No pioneirismo da busca por entender a nação brasileira com título temperado com o pessimismo do subtítulo, há o elogio da máxima “*Post coitum animal triste*”. Luxúria combina-se com cobiça para gerar a tristeza do homem advindo de colonização. O brasileiro seria triste por ser formado pela mescla de indígenas com brancos e com negros em uma total ausência de pureza populacional formadora de uma sociedade brasileira pacífica e acomodada.

Oswald de Andrade publica *Pau-Brasil* (1925) com poemas de inspiração intelectual advinda de leituras auxiliadas pelo prefaciador Paulo Prado. Livros de heróis um tanto não heroicos, *Memórias sentimentais* (1924) e *Serafim* (1933) põem a sátira na literatura brasileira com trabalho no âmago da funcionalidade do procedimento criativo de fazer sorrir. Muita razão percebe-se haver para Augusto de Campos reclamar o fim da exclusão de partes ou de poemas inteiros de Gregório de Matos. A sátira modernista já fizera a vinculação dos temas libidinais, corporais e comportamentais ao vocabulário, às ambiguidades e aos jogos sonoros. Oswald de Andrade configura um cenário para a assimilação do discurso satírico seiscentista da literatura brasileira tanto mais quanto seus romances de invenção sejam aceitos na história como ampliação do cânone após os momentos de embate do Modernismo de 1920.

Oferecido ao mecenas cafeicultor Paulo Prado, *Macunaíma* é originário de mesmo intento investigativo de conhecer os rincões brasileiros, percorridos pelos luxuriosos bandeirantes da reflexão de *Retrato do Brasil*. Mário de Andrade sonda literariamente as distâncias onde põe o berço do menino que permaneceu mudo até confessar sua preguiça. Se há um traço característico a definir o herói sem nenhum caráter, trata-se do fato de que Macunaíma busca brincar de tempos em tempos e brinca todo o tempo, seja propício, seja difícil.

Da época alvo de reflexão para a construção identitária do Brasil desenvolvida por Paulo Prado é o poema gregoriano *A huma dama por nome Viegas, que falava fresco, e corria por conta do*

Capitão Bento Rabello seu amigo. O elenco de nomes para regiões genitais apresentados na rapsódia tecida com episódios de encontros íntimos já fora motivo poético:

Quem pôs o nome de crica
à crica, que se esparralha,
senão nosso Pai Adão
quando com Eva brincava?
(Amado, 1969, p. 569, v. III)

Já estava, pois, na sátira seiscentista da paródia bíblica de atribuir a Adão o ato de criar palavras de baixo calão, o verbo escolhido pelo narrador modernista em *Macunaíma* para figurar o encontro de casais para a mútua fruição corporal. O tratamento naturalmente sem culpas no ato de brincar estava no paródico Éden da poesia gregoriana, assim como está na mata e na cidade da narrativa andradeana.

O herói descrito como sem nenhum caráter apresenta um ponto duro inflexível em seu agir: brinca e quer brincar a toda passagem da sua aventura de saída do Mato Virgem, de estadia em São Paulo e de retorno à floresta. Os dados de linguagem e o tratamento ao brincar em *Macunaíma* fazem levantar a questão de se não seria ironia oferecer a rapsódia do herói brasileiro a Paulo Prado, com seu pessimismo frente à mistura de raças no nascedouro de sociedade advinda de vivências luxuriosas. Das origens dessas gentes faz parte Macunaíma, herói de casos de prostituição, sadomasoquismo e poligamia.

As vivências humoristicamente apresentadas por Mário e Oswald em retratos do Brasil, chocantes para Paulo Prado, seguem com algo de semelhante na denúncia de Patrícia Galvão em sua narrativa. Esclarece Kenneth David Jackson: “in *Industrial Park*, São Paulo, the city, is a performance, whether film, ballet or prose” com “scenes of suffering and depravation, abundant in the novel, perhaps concentrating on the chapter of sexual depravation and poverty in the ‘Racial Opiate’ of carnival or the ‘street of happy women’” (JACKSON, 2019, p. 672-673). A linguagem da sátira modernista já acomodaria a sátira barroca diante de julgamento em nova instância para fazer revisar a coisa julgada no processo de exclusão da poesia seiscentista, posto como fato que nunca transita em julgado definitivo o legado de um poeta. Estão em sincronia as linguagens de Pagu-Gregório, pois a escritora modernista, resgatada por Augusto de Campos em *Pagu Vida-Obra*, usa as palavras das ruas, dos prostíbulos, das casas, das fábricas do Brás (“merda”, “vagabunda”, “mijei”, “gigolô”, “peitos”, “bicos sexualizados”, “casa de tolerância”, “cafagestada”, “puta”) tanto quanto o poeta usara o linguajar de todos os redutos de Salvador. Ocorre o mesmo com pontuações como “pernas que se deram”, “as saias azuis se enroscam nas esquinas” e “os sexos estão ardendo”, bem como com apropriação de temáticas de práticas cuja encenação romanesca evidencia a obscenidade do “adultério”, de fatos como o de “Eleonora da

Normal beija[r] a Matilde” e de “Eleonora se arrepia[r] ao contato macho”. Mesmo a sutileza chocante no tratamento de violência como estupro (“Abatida, de olhos úmidos. Ele aperta ainda o corpo machucado”) está no romance urbano realista dos anos 1930 de Patrícia Galvão.

Tudo corresponde coerentemente no nexo cena-personagem-linguagem no prostíbulo (“sem vergonha”, “Te dou o botão”, “O rapaz goza as carnes moles, devorando os seios descomunais da prostituta”), na rua (“Um desempregado onanista se remexe todo na esquina”), no cárcere (“Não chegue perto. Te pego doença. Se você visse! Minha boceta é um buraco!”, “Caraio de boia!”, “Filho da puta!”). Também está a obscenidade nos relatos do cotidiano de lesbianismo (“Eleonora dilacera-lhe os lábios”, “A loirinha do Rocha é que é um colosso. Mas viciada. Só quer mulher”), de estupro (“Eu agarrei a pequena na cama... Virgenzinha em folha ...”). O quadro trazido à cena às vezes atenua-se na escolha menos ácida de palavras (“Capitalistas seduzem criadas. Condessas romanticamente amam tratadores de cavalos”, “Nos jardins, os cônjuges se trocam”), mesmo com insinuações deixadas com estabelecimento de subentendidos (“os professores penetram [...] nas classes. No meio de tanta menina coxuda e bonita!”, “penetra no bar prostituto que se tornou social”); às vezes escancara-se (“Todas as meninas bonitas estão sendo bolinadas”, “A burguesia procura no Brás carne fresca e nova”, “Muita moça está sendo apalpada na escada”, “Pepe se afoga na pinga [...] Começa a pensar em religião. [...] Naquele barbeirinho que dá quando ele não tem dinheiro pra mulher”). O Brasil de gananciosos luxuriosos bandeirantes, de *Macunaíma* e de *Seráfim*, pode-se dizer, tem algo de semelhante com a Bahia da época que é Gregório de Matos.

Augusto de Campos (2013), em reedição *Pagu Vida-Obra* de 1982, indica que “Patrícia Galvão mal existia nos anos 1950, quando Oswald ainda era ‘tabu’ no cânone das nossas universidades”. Em continuidade desse fazer crítico, diga-se que é levar ao extremo o processo de desmistificar a personalidade histórica Pagu para mitificar a obra de Patrícia Galvão entender que a quebra de tabus linguísticos e temáticos de seu romance empenhado em estancar a contracorrente ao avanço modernista oswaldiano é ação criativa, em *Parque Industrial*, que poderia haver participado da assimilação da sátira gregoriana na antologia de Segismundo Spina (1946). Seria assim caso fosse a ação antologista de Spina nos anos 1940 sincrônica com o fazer literário de então. Participante poderia ter sido do fazer modernista contra “a acomodação e o conservadorismo” que Pagu sentia “infiltrar-se nas hostes modernistas”, a fim de “diluir os aspectos mais contestatários e experimentais do movimento de 1922, em termos de ideologia e de linguagem” (Campos, 2014, p. 52).

O *realismo social brasileiro*, indicado por Kenneth David Jackson em 1978, em Patrícia Galvão também enseja a liberdade da sátira gregoriana, pois “o erotismo e o sexismo da sociedade é assunto central no romance de Pagu e na vida do Brás”. *Parque Industrial* é como o jornalismo de Patrícia Galvão, de “uma participação ativa na vida paulistana”, assim como tem a “capacidade de expressar ideias e sentimentos em prosa sucinta e sintética, baseada em observações ou experiências pessoais” (Jackson, 2011b, p. 34). Já nos tempos antes de editar a coletânea gregoriana, havia crítica de aceitação do romance de Pagu de forma que poderia ser ele integrante da cena sincrônica de leitura da sátira barroca. Depois de haver censurado os divertimentos da Lalá de Oswald, como aponta Augusto de Campos, “o romance foi bem acolhido por João Ribeiro, em artigo publicado no Jornal do Brasil, de 26 de janeiro de 1933” (Campos, 2014, p. 139). Corina permite um despertar o sono do mundo em obra graças à qual Pagu poderia ter feito ser revivificada a sátira amortalhada nos manuscritos.

A crítica editorial dos anos 1940 dedicada a Gregório de Matos poderia ter posto Pagu para ter seus realismos social e linguístico conhecidos em processo sincrônico décadas antes de Augusto de Campos haver publicado *Pagu Vida-Obra* em 1982. A “militante do ideal” de tornar cada leitor do Jornal do Brasil de 26 de janeiro de 1933 um “*aprendiz de leitura*” literária recomenda em crônica “certa sátira de Gregório de Matos” como obra a ser destinada a jovens. A poesia gregoriana representa o viver baiano seiscentista com mesmo desbocamento com que os “quadros vivos de dissolução e de morte”, no dizer de João Ribeiro, representam o viver paulista novecentista com certo “amargo humor”, na observação de Kenneth Jackson. Os retratos da miséria moral e da exploração fabril são verdades ressaltadas muito voluntariamente sobre haver depravação e aventura de vítimas e de algozes na cena de São Paulo. Essas dualidades e coexistências em mesmos personagens formam quadro hipoteticamente capaz de fazer a sátira ser livre. Augusto, porém, escreve sobre libertar a sátira quando já poderia haver Spina lançado mão da expressividade realista temática e linguisticamente marcada nas obras dos modernistas.

O fato de editores gregorianos desconsiderarem a liberdade modernista das palavras e dos temas faz a sátira seguir censurada nos anos 1950:

Infelizmente a censura reticencial ou pontilista continua viva e atuante em plena segunda metade do século XX. Num Panorama da Poesia Brasileira (vol. I – Era Luso-Brasileira) publicado em 1959, pela Editora Civilização Brasileira, e a cargo de Antônio Soares Amora, o notável poema “Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia” [...] aparece mutilado de um terceto, substituído pelos famigerados pontinhos... (Campos, 1988, p. 109).

O anticrítico passa de largo os modismos como os legitimados por Antônio Soares Amora – editor da coleção em que Spina (1946), homem de seu tempo, um crítico biografista,

ambientalista, darwiniano, psicologista, historicista e moralista publica sua antologia gregoriana. Por isso, embora apresente a árvore genealógica originária da poesia baiana manuscrita, desconsidera haver valor como objeto cultural, dada sua natureza obscena. O antologista escreve sobre “gosto da indecência e da obscenidade” em Rabelais, Serrão de Castro, em Frei Pedro de Sá, de Frei Simão”, assim como no “gongorismo”, que “facilitou deveras a introdução da poesia torpe, que fazia parte das agudezas e dos conceitos da escola” (SPINA, 1946, p. 48).

Mais perene é o fazer investigativo do poeta tradutor, ofertado por sua visada de leitor a escapar de equívocos revelados pela história quando da atualização de métodos investigativos. Quando Augusto de Campos (1988) trata de *A metafísica dos metafísicos*, sentencia um fato que poderia haver sido evitado por Spina:

Gregório de Matos continua a esperar que as gerações mais novas arranquem a máscara de ferro dos ‘sonetos de piedade e arrependimento’ que, em nome do ‘humano’ e do decoro, lhe afivelam à genial boca do inferno. Para que desta possa jorrar, em toda a plenitude, o mel e o fel de suas sátiras e eróticas, a gargalhada em carne viva acorrentada na garganta barroca (Campos, 1988, p. 130).

Augusto de Campos (1988) escreve antes de James Amado (1969) reunir mais amplamente os poemas gregorianos, antes também da revisão filológica de como podem ser lidos os textos barrocos de modo descolado de uma busca por psicologia, seja enfurecida a praguejar, seja padecente a confessar-se, como é a leitura histórica praticada por Hansen e Moreira (2013). Retirada da “máscara de ferro” posta sobre os poemas ditos sacros, pode-se ver um procedimento barroco mesmo nos “sonetos de piedade e arrependimento”, pois podem mesmo ser paródia do rito religioso e de texto bíblico, como vai descrito em *Deus e o diabo na poesia de Gregório de Matos* (Santos, 2011). A leitura é ingênuo quando desvincula os poemas uns dos outros, daí conceber como confessional-religiosos o que pode ser tido como sarcástico-paródico.

Augusto de Campos (1988), em 1966, ainda indica a necessidade de compilação poética de edição gregoriana inexpurgada da sátira. Ao tratar da *Presença da Provença*, no ano de 1966, o crítico aproxima o Modernismo do Barroco a partir da recuperação dos poetas trovadorescos: “a partir dessa poesia cortês de amor descortês pode-se rastrear toda uma grande tradição cuidadosamente amordaçada e amortecida pelos rituais de bom tom literário, e que cumpre recuperar para a saúde e a vitalidade das artes” (Campos, 1988, p. 13). James Amado, em 1969, reuniu tudo quanto encontrou nos manuscritos poéticos brasileiros dos séculos XVII e XVIII em publicação inexpurgada para fazer falar “O boca do inferno”. Para o antologismo, ocorre uma polarização da *Crônica do viver baiano seiscentista* (Amado, 1969), que passa a orientar um ciclo de edições iniciado nos anos 1970 com prolongamento até 2020.

O debate de Augusto de Campos (1988) da década de 1960 tem, em James Amado (1969), uma celebração de êxito. A reorganização de vários códices manuscritos é saudada por Augusto de Campos (1988). Gregório de Matos está no rol dos poetas que “alargam o verso e fizeram controverso” (Campos, 1988, p. 7). Nenhum antologista se legitima no tempo sendo “futuocrata” ou “passadofóbico”, como editores e críticos anteriores a James Amado (1969) assim o foram. São criticáveis, como ocorrem de ser criticados, os “que dividem a história em antes e depois de si próprios”, os quais “não passam de medíocres narcisistas que já vão ser enterrados no próximo passado do futuro” (Campos, 1988, p. 7).

Em 1999, James Amado noticia que os sete volumes, impressos em 1969, já se esgotaram em 1972. Isso ocorre com enfrentamento daqueles que proibiam tudo quanto fugisse ao intento dirigista e controlador da vida:

[...] o poder militar tampouco ficou indiferente à presença do poeta: quando da invasão manu militari do Departamento de Cultura da Bahia, as coleções deste livro ali depositadas foram apreendidas e destruídas. Não contente, o comandante da 6^a Região Militar dirigiu ao governador do estado, um membro da Academia Brasileira de Letras, enfático ofício exigindo-lhe que explicasse, por escrito e no prazo de 24 horas, as razões do apoio dado (exclusivamente através da aquisição de exemplares) a “uma edição tão subversiva” (Amado, 1999, p. 5).

Nesse turbulento contexto de atuação do Estado para controle de toda voz potencialmente a entoar dissonância frente ao poder instituído, um artista mantém-se a tratar do poeta barroco outra vez censurado até onde o braço armado conseguiu atingir sua obra.

Augusto de Campos (1988, p. 119), pode-se inferir, enfrentou a ditadura ao comentar a *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* quando fez valorização da poesia gregoriana: “não deixa de ser espantoso verificar como a dimensão sonegada do realismo satírico-erótico é capaz de modificar a visão crítica de todo um período literário, como o barroco”. O contraponto à destruição de livros é a valorização da linguagem empregada, tal como segue fazendo Augusto de Campos ao criticar as seletas que sucumbiram a rituais de censura literária com “a estropiação dos poemas de Gregório de Matos em edições nacionais, onde se substituíram por reticências pudentes e algumas palavras que todos conhecem e que abundam nos romances modernos” (Campos, 1988, p. 118) ou mesmo a omissão de poemas. O discurso de Augusto de Campos segue atual frente às idas e vindas da marcha histórica nem sempre para o progresso em tempos de segunda década do século XXI quando o moralismo professado por figuras públicas contrasta com a prática de vida.

Na reedição de seu compêndio de artigos e traduções *Verso, reverso e controverso*, Augusto de Campos (1988) anota, em suas críticas aos antologistas de Gregório de Matos, a intervenção de James Amado (1969) na recepção da poesia gregoriana. Com a *Crônica do viver baiano seiscentista*, ocorre o nascimento de um novo ciclo antológico que enseja novas discussões das grandes

qualidades técnicas de Gregório de Matos identificadas por Augusto de Campos (1988) em ensaios dos anos 1960 com mesmo sentir que tem em relação aos provençais e aos metafísicos, à revelia dos editores ocultadores da poética da época chamada barroca. As décadas posteriores à edição dos sete volumes de desinibição da leitura dos versos seiscentistas frutificaram seletas de desembargo da apreciação da poética advinda da época com nome de homem na inventividade crítica do dizer de Augusto de Campos em epígrafe.

Referências

- Amado, J. *Crônica do viver baiano seiscentista: obra poética completa* códice James Amado. 7 vold. Salvador: Janaína, 1969.
- Amado, J. *Obra poética completa: Códice de James Amado*. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- Andrade, M. de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Penguin, 2016 [1928].
- Andrade, O. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1924].
- Andrade, O. *Pau-Brasil*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012 [1925].
- Andrade, O. *Serafim Ponte-Grande*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988 [1933].
- Campos, A. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- Campos, A, de *Pagu vida-obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Hansen, J. A.; Moreira, M.. *Para que todos entendais – Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra – Letrados, manuscritos, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. v. 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- Jackson, K. D. *A prosa vanguardista na literatura brasileira: Oswald de Andrade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- Jackson, K. D. “Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 30.” In: CAMPOS, Augusto. *Patrícia Galvão: Pagu vida-obra – antologias*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Jackson, K. D. “50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance”. In: BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). *Remate de Males*, Campinas, n. 6, p. 27-36, 1986.
- Jackson, K. D. *Bibliografia e antologia crítica das vanguardas literárias: Brasil*. Frankfurt: Vervuet, 1998.
- Jackson, K. D. “Novas receitas da cozinha canibal. O manifesto antropófago hoje.” In: ROCHA, João Cesar de Castro; RUFINELLI, Jorge. (Orgs.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 429 – 436.

- Jackson, K. D. "Uma evolução subterrânea: o jornalismo de Patrícia Galvão." *Revista IEB*, n. 53, p. 31-52, mar./set. 2011.
- Jackson, K. D. "Parque industrial, romance da Pauliceia desvairada." *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 16, p. 21-33, 2015.
- Jackson, K. D. "Translating Pagu's Industrial Park: São Paulo in 1933 - internationalizing the Modernist novel." *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 49, p. 672-677, maio-ago. 2019
- Galvão, Patrícia. *Industrial Park*. Tradução Kenneth David Jackson e Elizabeth Jackson. Nebraska: University of Nebraska Press, 1993.
- Galvão, Patrícia. *Parque industrial*. São Paulo: José Olympio, 2006.
- Jauss, H. R. "The identity of the poetic text in the changing horizon of understanding." In: Marchor, J. L.; Goldsteing, P. (Org.). *Reception study from literary theory to cultural studies*. New York: Routledge, 2001. p. 7-28.
- Prado, P. *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1928].
- Santos, C. S. dos. *Dens e o diabo na poesia de Gregório de Matos*. 2011. 202f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- Santos, C. S. dos. *A vertigem das antologias: Gregório de Matos*. 2017. 249f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- Peixoto, A. *Obras de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933. 6v.
- Spina, S. *Pequena biblioteca de literatura brasileira: Gregório de Matos*. São Paulo: Assunção, 1946.
- Varnhagen, F. A. de. *Florilegio da poesia brasileira ou collecção das mais notáveis das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no brasil*. Lisboa: imprensa nacional, 1850. Tomo I.

Bio Ciro Soares dos Santos é Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Realizou pesquisa de pós-doutorado sobre prática de antologia do barroco americano com leitura cotejada da obra de Gregório de Matos e Guerra e Juan del Valle y Caviedes pela mesma universidade. Foi *Visiting Assistant in Research* na *Yale University* pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) do Ministério da Educação (MEC) do Brasil. Professor de Língua Portuguesa e Literaturas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail ciro_soares2005@hotmail.com